

O teatro amador como espaço de formação teatral: um estudo de caso na Serra Gaúcha

Taís Ferreira

Professora do Departamento de Música e Artes Cênicas – Universidade Federal de Pelotas

Mestre em Educação – PPGEduc – UFRGS

Coordenadora PIBID/CAPES/UFPel/Teatro

Resumo: O caminho percorrido do teatro amador ao teatro profissional, na maioria das vezes, é imbuído de uma importante dimensão pedagógica, já que, percebendo a educação a partir de um ponto de vista das pedagogias culturais, aprende-se teatro através das vivências teatrais às quais cada sujeito é submetido em sua história de vida, entre tantas outras instâncias culturais que nos ensinam modos de ser e estar no mundo. O teatro amador pode, portanto, ser encarado como um privilegiado espaço formativo na linguagem teatral. Destarte, a proposta deste estudo é investigar, a partir de estudo de caso com sujeitos da região serrana do Rio Grande do Sul, como acontecem, contemporaneamente, processos formativos de profissionais do teatro a partir ou atravessados por experiências do teatro amador.

Palavras-chave: teatro amador, pedagogia do teatro, Serra Gaúcha

Começamos pelo mais difícil: a tarefa de distinguir o teatro amador do teatro profissional. Há pouca bibliografia disponível em que este debate se coloca abertamente no Brasil. Fala-se em amadorismo geralmente com o cunho pejorativo de uma atividade menor, exercida por diletantes, por pessoas sem preparo técnico, sujeitos esses sem uma “educação formal” na linguagem teatral, ou seja, aqueles que não passaram por escolas de teatro, universidades, conservatórios ou oficinas com diretores famosos (comuns nos dias de hoje). As próprias exigências dos sindicatos dos artistas para que alguém se profissionalize no campo teatral (receba uma DRT, número de registro profissional no Ministério do Trabalho) são um tanto quanto arbitrárias e passíveis de questionamento.

No entanto, perde-se de vista que, no Brasil, grande parte da arte ligada à pesquisa de novas estéticas e linguagens esteve, pelo menos durante todo o século XX, ligada aos movimentos amadores. Graças ao amadorismo vivo, ativo e sadio dos estudantes e das altas classes burguesas, as primeiras tentativas de profissionalização de um dito “teatro sério” fizeram-se possíveis em empreendimentos como o TBC, o Teatro Oficina, o Teatro de Arena e o Teatro de Equipe. E foi graças à “escola” que o teatro amador e estudantil propiciou a estes jovens que se pôde construir uma produção teatral no Brasil que se diferenciasse das comédias de costume levadas a cabo por atores míticos e dos grandiosos espetáculos do teatro de revista. Destarte, contextualizando a história do teatro brasileiro, percebemos, a priori, a importância do teatro amador nos percursos formativos dos profissionais do teatro em grandes centros urbanos como São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre.

Neste trabalho, que se apresenta como um estudo de caso, está em foco a recente constituição de um campo teatral profissional em uma região específica do país, a

Serra Gaúcha; e, além disso, a perspectiva de compreender como, nos dias de hoje, o teatro amador ainda atua como um espaço de pedagogia teatral operante e eficaz na constituição de processos formativos de sujeitos atores, diretores, produtores, agentes culturais, técnicos cênicos, entre outros.

Assim, teatro amador, aqui, será considerado todo aquele teatro que acontece sem fins de subsistência, ou seja, aquele teatro que envolve dimensão simbólica de gozo e vivências para aquém das necessidades financeiras que regem o mercado cultural e os agentes que nele atuam. Coletivos de artistas que se unem com finalidade de jogar, de pesquisar ou de montar espetáculos, bem como os grupos estudantis, serão considerados amadores na medida em que não forem fonte de subsistência financeira dos sujeitos artistas neles envolvidos e não estiverem inseridos em circuitos comerciais de espetáculos. Por conseguinte, atividades profissionais serão consideradas aquelas atividades ligadas às artes cênicas (seja na produção, atuação, docência ou funções técnicas) que envolvam fontes de renda e subsistência dos sujeitos pesquisados.

Partimos da premissa de que o caminho percorrido do teatro amador ao teatro profissional, na maioria das vezes, é imbuído de uma importante dimensão pedagógica. Percebendo a educação a partir de um ponto de vista das pedagogias culturais, aprende-se teatro através das vivências teatrais às quais cada sujeito é submetido em sua história de vida, entre tantas outras instâncias culturais que nos ensinam modos de ser e estar no mundo. O teatro amador pode, portanto, ser encarado como um privilegiado espaço formativo na linguagem teatral.

O teatro amador como privilegiado espaço pedagógico na formação de profissionais das artes cênicas parece ser uma assertiva inegável. No entanto, a análise da conjuntura sócio-econômico-cultural desta pequena porção de Brasil, a partir da década de 80, década esta que marca o início do período de formação dos sujeitos de pesquisa que comporão a estrutura fundante desta investigação, aponta para as seguintes questões: como aconteceu a formação de uma economia da cultura que possibilitou a profissionalização destes (antes) “amantes do teatro”? Quais as transformações de capital simbólico, para além da economia monetária, que tornaram estes profissionais necessários e operantes em um meio eminentemente dominado pelo setor industrial? A partir de que momento a Serra Gaúcha investe nesse potencial de economia cultural e que discursos constroem esta nova demanda, ou seja, a demanda de consumo de artefatos culturais e artísticos pela população em geral e promoção destes pelos órgãos públicos e empresas privadas?

Outra afirmação que pode ser feita a partir de análises empíricas da situação do campo teatral no estado do RS é a de que o teatro amador ainda ocupa uma posição muito forte e marcada, seja como espaço de resistência de alguns grupos (atuantes em cidades

do interior que possuem uma economia da cultura em desenvolvimento e na capital Porto Alegre), seja como única forma de existência do teatro (o que é o caso de regiões economicamente desfavorecidas do estado como as regiões Sul, Noroeste e Fronteira). Grosso modo, percebe-se, a partir de observações superficiais, que a profissionalização do campo teatral está estabelecida, nos dias de hoje, na capital Porto Alegre (desde a década de 60), principal pólo de produção cultural do estado, e na região da Serra Gaúcha, mais especificamente a Região Centro-Nordeste (que compreende Caxias do Sul e cercanias, Vale dos Vinhedos e Região das Hortênsias), a partir da década de 90.

Assim, o amadorismo (e sua possível passagem para a profissionalização) guarda íntima relação com as questões de desenvolvimento econômico e consequente crescimento de uma demanda por capital simbólico antes não desejado, como é o caso do teatro na Serra Gaúcha. Certamente, manifestações culturais ligadas às colonizações italiana e alemã, responsáveis pelo povoamento e construção desta região, sempre estiveram presentes no cotidiano local. Bandas típicas, corais, grupos de danças folclóricas, literatura e saraus em dialetos italianos (filós) e germânicos, santerias tradicionais, pintores sacros, entre outros, compuseram a oferta de cultura organizada das colônias, de sua instituição (meados de 1850) até boa parte do século XX. Nessa época, de forma acanhada, começa a surgir, nas então emancipadas colônias, a demanda pelo teatro, pela literatura e pela música não necessariamente vinculadas à imigração, que cumpria a tarefa de vivificação da “terra abandonada”, ou seja, de uma Itália ou de uma Alemanha míticas e fortemente presentes no imaginário dos imigrantes e de seus descendentes até os dias de hoje.

A crescente urbanização e industrialização da Serra Gaúcha, que estabelece a região como pólo industrial de importância nacional a partir da II Guerra Mundial, traz mudanças significativas aos modos de vida e hábitos da população. Inicia-se, já na primeira metade do século XX, em cidades como Caxias do Sul, um movimento amador das artes que terá culminância na década de 80, encaminhando-se, já na década de 90, para a profissionalização destes “amadores das artes”. Não só o teatro, mas a música, as artes visuais e a literatura ditas “universais” tomam lugar no cenário cultural da região.

Assim, contamos hoje com diversos profissionais atuando em várias cidades da Serra Gaúcha, em funções diversas no campo teatral como o ensino de teatro (formal e informal), a produção e divulgação de espetáculos, cargos públicos no setor cultural, direção, atuação e criação dos diversos âmbitos do espetáculo (música, figurinos, cenografia), entre outros. Municípios como Caxias do Sul, Bento Gonçalves, Garibaldi, Canela, Gramado e Flores da Cunha possuem profissionais do teatro trabalhando e produzindo na região. Obviamente o turismo da região coloca-se como uma alternativa de renda, bem como as muitas empresas que possuem projetos de produção artística com os

funcionários ligados aos seus programas de qualidade total. Contudo, os últimos vinte anos viram surgir várias escolas de teatro (muitas multidisciplinares), bem como vários grupos que atuam em um esquema de profissionalismo, produzindo e comercializando seus espetáculos e performances como fonte de sustento de seus membros.

Todas essas notas preliminares servem de ambientação para o estudo que está em desenvolvimento. Contatos com sujeitos de pesquisa já estão em andamento e seguindo procedimentos e metodologias caros aos estudos de caso, que balizarão a composição desta investigação. Já contamos com cinco questionários respondidos por sujeitos profissionais do teatro atuantes na Serra Gaúcha, acerca de seus percursos formativos e da relação destes com o teatro amador. Na sequência, pretende-se realizar entrevistas semi-estruturadas com estes sujeitos e com alguns outros artistas da região com os quais já temos contatos em andamento. Documentos materiais sobre os grupos amadores e montagens amadoras das quais estes sujeitos participaram também serão analisados, bem como arquivos pessoais e públicos sobre o teatro amador na Serra Gaúcha nos anos 80 e 90. Contatos com grupos e também com órgãos públicos como secretarias de cultura estão sendo realizados.

É importante salientar que os sujeitos de pesquisa, que participam voluntariamente como depoentes nesta fase da investigação, possuem idades e experiências diversas. Alguns iniciaram suas atividades artísticas em fins dos anos 70 e outros no decorrer da década de 80 e, ainda, há uma jovem atriz e musicista que iniciou seu percurso formativo junto a um grupo de teatro amador na década de 90.

Análises preliminares desses questionários, estruturação e realização de entrevistas e levantamento de material documental darão seguimento a este processo investigativo, assim como leituras acerca da formação sócio-histórica da região e do campo teatral nela. Estas são, tão somente, as primeiras considerações acerca das perguntas que foram a centelha do desejo de empreender um pesquisa que trate da formação de sujeitos no campo teatral, do teatro amador como uma possível pedagogia do teatro e da constituição do próprio campo em si, em um determinado espaço sócio-geográfico, constituindo-se, desta forma, como um estudo de caso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES-MAZZOTTI, Alda J. *Usos e abusos dos estudos de caso*. Cadernos de Pesquisa. vol.26 no.129, São Paulo, Set./Dez. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742006000300007&script=sci_arttext>. Acesso em 02/11/2010.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte – gênese e estrutura do campo literário*. São Paulo: Cia das letras, 2002.
- _____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 2007.

- _____. *A Distinção – crítica social do julgamento*. São Paulo: EDUSP, Porto Alegre: Zouk, 2007.
- KUHNER, Maria Helena. *Teatro Amador – radiografia de uma realidade*. Rio de Janeiro: INACEN, 1987.
- MERVANT-ROUX, M.M. Le théâtre amateur e amateur. In.: CORVIN, Michel. *Dictionnaire encyclopédique du theater à travers le monde*. Paris: Editions Bordas, 2008.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.
- VARGAS Maria Thereza. Teatro amador. In.: GUINSBURG et AL (coord.). *Dicionário do Teatro Brasileiro*. São Paulo: Perspectiva, 2006.
- YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2001.